

**DEPRESSÃO E QUESTÕES DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS VULNERABILIDADES
SOCIAIS E EMOCIONAIS**

**DEPRESSION AND GENDER ISSUES: AN ANALYSIS OF SOCIAL AND EMOTIONAL
VULNERABILITIES**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.060-014>

Carmen Schafauser

Mestranda em Desenvolvimento e Sociedade
Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador - SC
E-mail: carmen@schafauser.adv.br
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8616327501899409>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6158-2791>

Anderson Barros da Silva

Doutor em Ensino de Ciências e Matemática
Universidade Cruzeiro do Sul – São Paulo - SP
E-mail: psicologo.andersonbarros@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0216402976395965>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6020-9429>

Ana Paula Sérvio Sousa

Graduada em Psicologia
Centro Universitário Santo Agostinho, Teresina - PI
E-mail: paulaservio13@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9986767637242329>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8940-8683>

Carolina Fontoura da Motta

Graduada em Psicologia
Faculdade de Tecnologia - FTEC, Novo Hamburgo - RS
E-mail: psi.carolina.fontoura.motta@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7083199179509840>

Lucielma Costa Dantas

Graduada em Fisioterapia
Instituto Superior de Teologia Aplicada, Tianguá - CE
E-mail: Lucielmacd@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7913490044074404>

Maicon de Barros Simon

Mestrando em Desenvolvimento Regional
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC
E-mail: maiconsbarros2011@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3134-9403>

Priscyla Paulina Silva

Graduada em Psicologia
Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, Monjolos - MG
E-mail: priscylapaulinapsi@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0088808126723692>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3217-9212>

Rafaela Miranda Proto Pereira

Graduada em Medicina
Centro Universitário Unirg, Goiânia - GO
E-mail: drarafoelaprot@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5464702124972889>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9977-668X>

Francielly Pereira Pardins

Mestranda em Educação, Cultura e Diversidade
Programa PPGEduc - Campus Universidade Federal de Rondonópolis (2025)
E-mail: franciellypardins@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5375052042632431>

Claudia Medeiros Lopes Freire

E-mail: claudiamlfpsiologia@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4968666101058499>

Patrícia Bárbara Candida dos Santos

Pós-graduada em Gestão e Docência na Educação a Distância
Faculdade Focus, Macapá - AP
E-mail: patriciabarbaramcontato@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7784134014670653>

Anna Laura Avelino Araújo Rocha

Graduanda em Medicina
Centro Universitário Estácio do Ceará, Iguatu - CE
E-mail: annalaurajuiza@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3113291480685472>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2267-994X>

Silvana Baldoimo Bezerra

Graduanda em Medicina
Centro Universitário Estácio do Ceará, Iguatu - CE
E-mail: silumedporamor@gmail.com

Resumo

A depressão é um dos transtornos mentais mais prevalentes na atualidade, apresentando importante impacto na qualidade de vida e na funcionalidade dos indivíduos. Evidências científicas indicam que sua ocorrência está relacionada a múltiplos fatores, com destaque para as desigualdades de gênero e as vulnerabilidades sociais e emocionais. Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre depressão e gênero, considerando as vulnerabilidades associadas ao longo do ciclo de vida. Trata-se de uma revisão integrativa

da literatura, realizada nas bases SpringerLink, ERIC, Latindex e Miguilim, com artigos publicados entre 2017 e 2026, nos idiomas português e inglês. A busca utilizou descritores relacionados à depressão, gênero e saúde mental, sendo selecionados estudos que abordassem diretamente a temática proposta. A amostra final foi composta por 13 estudos, analisados de forma qualitativa. Os resultados evidenciaram maior prevalência de sintomas depressivos em mulheres, associada a fatores como desigualdade social, condições de trabalho adversas, menor suporte social e acúmulo de desvantagens ao longo da vida. Observou-se ainda que as trajetórias da depressão são persistentes e influenciadas por determinantes estruturais e emocionais. Conclui-se que a depressão relacionada ao gênero é um fenômeno multifatorial, exigindo abordagens ampliadas e sensíveis às desigualdades sociais para sua compreensão e enfrentamento.

Palavras-chave: Depressão; Gênero; Saúde mental; Violência de gênero; Vulnerabilidade social.

Abstract

Depression is one of the most prevalent mental disorders worldwide, significantly impacting individuals' quality of life and functional capacity. Scientific evidence indicates that its occurrence is associated with multiple factors, particularly gender inequalities and social and emotional vulnerabilities. This study aimed to analyze the relationship between depression and gender, considering associated vulnerabilities throughout the life course. This is an integrative literature review conducted in the SpringerLink, ERIC, Latindex, and Miguilim databases, including articles published between 2017 and 2026 in Portuguese and English. The search strategy used descriptors related to depression, gender, and mental health, selecting studies that directly addressed the proposed theme. The final sample consisted of 13 studies, analyzed using a qualitative approach. The results showed a higher prevalence of depressive symptoms among women, associated with factors such as social inequality, adverse working conditions, lower social support, and the accumulation of disadvantages over time. It was also observed that depression trajectories are persistent and influenced by structural and emotional determinants. It is concluded that gender-related depression is a multifactorial phenomenon, requiring comprehensive and sensitive approaches to social inequalities for its understanding and management.

Keywords: Depression; Gender; Gender-based violence; Mental health; Social vulnerability.

1 INTRODUÇÃO

A depressão é reconhecida como um dos transtornos mentais mais prevalentes e incapacitantes da atualidade, com impacto significativo na qualidade de vida, nas relações sociais e na funcionalidade dos

indivíduos. Sua ocorrência não se distribui de maneira homogênea entre os diferentes grupos populacionais, sendo influenciada por fatores biológicos, sociais, culturais e estruturais. Nesse cenário, a literatura científica tem destacado a importância das questões de gênero como elemento central na compreensão das vulnerabilidades associadas ao adoecimento psíquico (Salk; Hyde; Abramson, 2017; Bracke et al., 2020).

Evidências epidemiológicas indicam que mulheres apresentam maior prevalência de sintomas depressivos em comparação aos homens em diferentes contextos e faixas etárias. Esse padrão tem sido observado em estudos populacionais de larga escala, reforçando a consistência dessa diferença ao longo do tempo e entre países. Tais achados sugerem que a depressão deve ser analisada não apenas sob uma perspectiva clínica, mas também considerando determinantes sociais e estruturais que atravessam as experiências de gênero (Best *et al.*, 2021; Ferri; Yang; Girus, 2023).

As diferenças de gênero na depressão não podem ser explicadas exclusivamente por fatores biológicos, mas sim por um conjunto complexo de vulnerabilidades acumuladas ao longo da vida. Mulheres frequentemente estão mais expostas a desigualdades sociais, como menor acesso a recursos econômicos, sobrecarga de trabalho não remunerado e maior exposição à violência de gênero. Esses elementos contribuem para o aumento do risco de desenvolvimento e manutenção de sintomas depressivos (Bracke *et al.*, 2020; Salk; Hyde; Abramson, 2017).

Além disso, estudos indicam que as condições de trabalho exercem influência importante sobre a saúde mental, especialmente em mulheres mais velhas. Ambientes laborais adversos, baixa autonomia e desigualdade ocupacional podem intensificar sintomas depressivos e comprometer o bem-estar psicológico. Assim, o contexto laboral surge como um importante determinante social na compreensão das diferenças de gênero na depressão (Breij *et al.*, 2022).

As trajetórias da depressão ao longo do ciclo vital também revelam importantes desigualdades entre homens e mulheres. Pesquisas longitudinais demonstram que os sintomas depressivos podem iniciar na adolescência e persistir ou se intensificar na vida adulta e na velhice, variando conforme experiências sociais e eventos de vida. Nesse sentido, as diferenças de gênero tendem a se manter ao longo do tempo, com maior persistência de sintomas entre mulheres (Lee; Jang; Cho, 2017; Pfeiffer; Alt; Walper, 2025).

Adicionalmente, estudos comparativos internacionais reforçam que essas desigualdades são observadas em diferentes culturas e contextos socioeconômicos. Em análises realizadas em países europeus e asiáticos, observa-se que as mulheres apresentam maior prevalência de depressão e maior sensibilidade a fatores estressores sociais. Esses achados reforçam a universalidade do fenômeno, ao mesmo tempo em que destacam a influência de determinantes sociais na sua expressão (Gui *et al.*, 2025; Guo; Chu; Zheng, 2025).

Outro aspecto relevante refere-se à interação entre gênero, idade e trajetória de vida. Evidências apontam que as diferenças na prevalência de sintomas depressivos podem variar conforme o envelhecimento, sendo frequentemente mais acentuadas em determinadas fases da vida adulta e na velhice.

Essas variações indicam que a depressão deve ser compreendida como um fenômeno dinâmico e multifatorial (Best *et al.*, 2021; Zhang; Zhao, 2021).

A literatura também evidencia que fatores psicossociais, como redes de apoio, satisfação com a vida e condições emocionais, desempenham papel importante na modulação dos sintomas depressivos. A fragilidade dessas redes, associada a desigualdades estruturais, pode aumentar a vulnerabilidade emocional, especialmente entre mulheres. Dessa forma, a saúde mental é profundamente influenciada pelas relações sociais e pelas condições de vida (Gui *et al.*, 2025; Ferri; Yang; Girgus, 2023).

Outro ponto relevante é a relação entre depressão e funções cognitivas, uma vez que estudos indicam associações entre trajetórias depressivas e declínio em funções executivas e de memória, com diferenças significativas entre os gêneros. Esses achados reforçam a necessidade de atenção contínua à saúde mental ao longo do envelhecimento, especialmente em populações mais vulneráveis (Zheng; Jia, 2022).

Diante desse contexto, evidencia-se uma lacuna no entendimento integrado entre gênero, vulnerabilidades sociais e saúde mental, especialmente no que se refere à articulação entre fatores emocionais e estruturais ao longo do ciclo de vida. Assim, este estudo se justifica pela necessidade de ampliar a compreensão sobre como essas desigualdades se manifestam e se perpetuam na experiência da depressão.

Portanto, o objetivo deste estudo é analisar a relação entre depressão e questões de gênero, com foco nas vulnerabilidades sociais e emocionais associadas, a partir de evidências científicas recentes. Busca-se compreender como tais fatores influenciam a prevalência, as trajetórias e os impactos da depressão em diferentes fases da vida, contribuindo para o avanço de estratégias de prevenção e cuidado em saúde mental mais equitativas e sensíveis às diferenças de gênero.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi estruturado a partir do delineamento de revisão integrativa da literatura, reconhecida como uma das abordagens mais amplas e rigorosas para síntese de evidências científicas. Esse método possibilita a integração de estudos com diferentes delineamentos metodológicos, favorecendo a construção de uma análise crítica e aprofundada sobre fenômenos complexos, como a relação entre depressão e gênero, especialmente quando associada às vulnerabilidades sociais e emocionais.

A investigação teve como eixo central a seguinte questão norteadora: “Como as questões de gênero e as vulnerabilidades sociais e emocionais influenciam a prevalência e as trajetórias da depressão em diferentes fases da vida?”. Essa pergunta foi essencial para delimitar o objeto de estudo e orientar todas as etapas do processo metodológico, garantindo coerência entre a busca, seleção, análise e síntese dos achados.

No que diz respeito à identificação das evidências científicas, foram utilizadas as bases e indexadores SpringerLink, ERIC (Education Resources Information Center), Latindex e Miguilim. A escolha dessas fontes ocorreu por sua relevância acadêmica e por contemplarem produções científicas multidisciplinares, abrangendo áreas como saúde, psicologia, educação e ciências sociais, o que possibilita uma análise mais ampla do fenômeno investigado.

A estratégia de busca bibliográfica foi elaborada a partir da combinação de descritores controlados e não controlados, articulados pelos operadores booleanos AND e OR, com o objetivo de ampliar a sensibilidade e a especificidade da pesquisa. Foram utilizados os seguintes termos: “depressão”, “gênero”, “gender differences”, “mental health”, “vulnerabilidade social”, “sintomas depressivos” e “social vulnerability”, considerando suas variações em português e inglês.

Quanto aos critérios de inclusão, foram selecionados estudos publicados entre 2017 e 2026, disponíveis nos idiomas português e inglês, em formato de artigo científico completo, que abordassem diretamente a relação entre depressão e gênero ou discutissem vulnerabilidades sociais, emocionais e trajetórias de saúde mental associadas ao tema. Essa delimitação temporal e linguística buscou garantir a atualidade e a relevância das evidências analisadas.

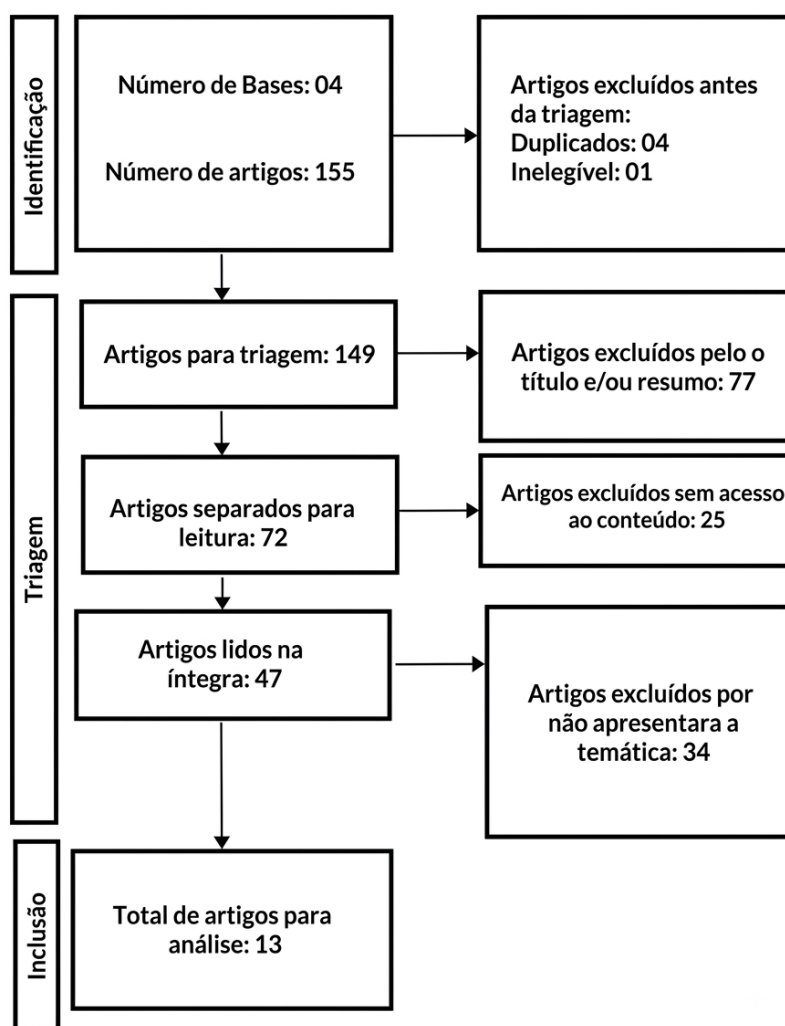
Em relação aos critérios de exclusão, foram retirados da amostra estudos duplicados, editoriais, cartas ao editor, resumos simples, teses, dissertações e artigos sem acesso ao texto completo. Também foram excluídas publicações que não apresentavam relação direta com o tema proposto ou que se encontravam fora do recorte temporal estabelecido, assegurando maior rigor metodológico.

O processo de seleção dos estudos foi conduzido em etapas sistematizadas e sequenciais. Inicialmente, realizou-se a identificação dos artigos nas bases de dados selecionadas; em seguida, procedeu-se à triagem por meio da leitura de títulos e resumos; posteriormente, realizou-se a leitura na íntegra dos estudos potencialmente elegíveis; e, por fim, aplicaram-se os critérios de inclusão e exclusão para definição da amostra final. Esse percurso metodológico garantiu transparência e reprodutibilidade ao processo.

Após a seleção final dos estudos, os dados foram organizados e submetidos à análise qualitativa, com foco na identificação de categorias temáticas emergentes. Essa análise permitiu compreender de forma aprofundada as vulnerabilidades sociais, emocionais e de gênero associadas à depressão, além de possibilitar a comparação entre diferentes contextos socioculturais e grupos populacionais.

Para representar de forma clara e sistematizada o percurso metodológico adotado, foi elaborado um fluxograma contendo todas as etapas da seleção dos estudos, incluindo identificação, triagem, elegibilidade e inclusão. Esse esquema metodológico está apresentado na Figura 1, contribuindo para a visualização estruturada do processo de construção da amostra final.

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos estudos da revisão integrativa.



Fonte: Autoria própria (2026)

A etapa de análise dos resultados foi conduzida de maneira interpretativa e comparativa, buscando identificar padrões, convergências e divergências entre os estudos selecionados. Esse processo permitiu articular criticamente os achados com a literatura científica contemporânea, ampliando a compreensão sobre como as desigualdades de gênero influenciam a depressão ao longo do ciclo de vida.

A discussão dos dados foi fundamentada em evidências nacionais e internacionais, contemplando diferentes realidades socioculturais e contextos populacionais. Essa abordagem ampliada possibilitou compreender que as manifestações da depressão não ocorrem de forma isolada, mas são profundamente influenciadas por fatores estruturais, emocionais e sociais associados às desigualdades de gênero.

Por fim, ressalta-se que o rigor metodológico adotado fortalece a confiabilidade e a validade científica do estudo, ao sistematizar evidências provenientes de diferentes desenhos e contextos de pesquisa. Dessa forma, a revisão integrativa contribui para o avanço do conhecimento sobre depressão e

gênero, evidenciando a importância das vulnerabilidades sociais e emocionais na compreensão desse fenômeno.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta revisão integrativa evidenciam a consolidação de evidências científicas que relacionam depressão e gênero a partir de diferentes contextos populacionais, faixas etárias e determinantes sociais. A síntese dos estudos selecionados permitiu identificar padrões consistentes quanto à maior prevalência de sintomas depressivos em mulheres, bem como a influência de fatores sociais, emocionais e estruturais na construção dessas desigualdades ao longo do ciclo de vida. A amostra final foi composta por 13 estudos, selecionados conforme os critérios de elegibilidade previamente estabelecidos.

Para melhor organização e apresentação dos achados, os principais dados extraídos dos estudos incluídos foram sistematizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Síntese dos estudos incluídos na revisão integrativa.

Autor/ano	Objetivo	Eixo do estudo	Principais contribuições
Salk; Hyde; Abramson (2017)	Analisar diferenças de gênero na depressão em amostras populacionais representativas	Epidemiológico / gênero	Evidencia que as mulheres apresentam maior prevalência de sintomas depressivos em comparação aos homens em diferentes contextos populacionais, destacando que tais diferenças não podem ser explicadas exclusivamente por fatores biológicos, sendo fortemente influenciadas por determinantes sociais, culturais e estruturais ao longo do ciclo de vida.
Lee; Jang; Cho (2017)	Investigar trajetórias dos sintomas depressivos em idosos e fatores de risco associados	Longitudinal / envelhecimento	Demonstra que as trajetórias de sintomas depressivos diferem significativamente entre os sexos, evidenciando maior persistência e recorrência dos sintomas em mulheres na velhice, associadas a fatores psicossociais cumulativos e condições adversas de vida.
Hargrove; Halpern; Harris (2020)	Examinar trajetórias de depressão por raça, gênero e curso de vida	Desigualdades sociais	Aponta que as desigualdades interseccionais de raça e gênero produzem acúmulo de desvantagens ao longo da vida, contribuindo para maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de sintomas depressivos em grupos historicamente marginalizados.
Bracke <i>et al.</i> (2020)	Analisar desigualdades de gênero e depressão em países europeus	Sociodemográfico / desigualdade	Evidencia que a desigualdade estrutural de gênero e o acúmulo de desvantagens sociais ao longo da vida estão diretamente associados à maior

			prevalência de depressão em mulheres, reforçando a influência de fatores macroestruturais na saúde mental.
Zhang; Zhao (2021)	Investigar disparidades de gênero ao longo do ciclo de vida na China	Epidemiológico / curso de vida	Demonstra que as disparidades de gênero na depressão permanecem consistentes ao longo das diferentes fases da vida, com variações entre coortes, evidenciando a influência de contextos socioculturais específicos na expressão dos sintomas.
BEST <i>et al.</i> (2021)	Comparar tendências de sintomas depressivos por idade e sexo em diferentes coortes	Comparativo internacional	Revela padrões consistentes de maior carga de sintomas depressivos em mulheres em diferentes países e faixas etárias, indicando estabilidade das diferenças de gênero independentemente do contexto geográfico e temporal.
Zheng; Jia (2022)	Analisar associação entre trajetórias de depressão e funções cognitivas por gênero	Neuropsicológico / envelhecimento	Evidencia que trajetórias depressivas estão associadas a declínio em funções executivas e de memória, com diferenças de impacto entre os gêneros, sugerindo maior vulnerabilidade cognitiva em determinados perfis femininos ao longo do envelhecimento.
Breij <i>et al.</i> (2022)	Examinar diferenças de gênero na depressão em trabalhadores mais velhos	Ocupacional / trabalho	Identifica que condições de trabalho desfavoráveis, baixa autonomia e desigualdade ocupacional contribuem significativamente para o aumento de sintomas depressivos, especialmente em mulheres mais velhas inseridas em contextos laborais precários.
Ferri; Yang; Girgus (2023)	Investigar fatores preditores das diferenças de gênero na depressão em idosos	Envelhecimento / preditores	Aponta que fatores sociais, emocionais e contextuais são determinantes fundamentais para explicar as diferenças de gênero na depressão, destacando a interação entre envelhecimento, suporte social e condições de vida.
Pfeiffer; Alt; Walper (2025)	Analisar trajetórias de sintomas depressivos da adolescência à vida adulta	Desenvolvimento humano	Evidencia que os sintomas depressivos apresentam continuidade ao longo do curso de vida, sendo fortemente influenciados por eventos estressores e desigualdades sociais, com maior vulnerabilidade persistente entre mulheres.
Gui <i>et al.</i> (2025)	Avaliar prevalência e fatores associados à depressão em adultos de meia-idade e idosos	Epidemiológico / psicossocial	Demonstra que fatores como satisfação com a vida, redes de apoio social e condições emocionais exercem papel protetor ou de risco, com diferenças significativas entre

			homens e mulheres na estruturação dessas redes.
Guo; Chu; Zheng (2025)	Analisar mudanças nas disparidades de gênero em sintomas depressivos ao longo do tempo	Epidemiológico / tendência temporal	Evidencia que as disparidades de gênero na depressão apresentam variações temporais, mas permanecem consistentes ao longo das coortes, sugerindo influência contínua de determinantes estruturais e sociais.
BEST <i>et al.</i> (2021)	Comparar tendências de sintomas depressivos em diferentes idades e sexos	Epidemiológico / internacional	Reforça a consistência das diferenças de gênero na depressão em diferentes contextos culturais e populacionais, destacando a interação entre idade, sexo e determinantes sociais na evolução dos sintomas depressivos.

Fonte: Autoria própria (2026).

A análise integrada dos estudos incluídos nesta revisão evidencia que a relação entre depressão e gênero é um fenômeno multifatorial, sustentado por interações complexas entre determinantes sociais, emocionais, culturais e estruturais ao longo do ciclo de vida. As evidências apontam que as diferenças na prevalência, intensidade e trajetória dos sintomas depressivos não podem ser compreendidas apenas sob uma perspectiva biomédica, mas exigem uma leitura ampliada que considere o acúmulo de vulnerabilidades sociais e desigualdades historicamente construídas.

Nesse contexto, os achados foram organizados em dois eixos centrais de discussão: (1) desigualdades de gênero, determinantes sociais e prevalência da depressão; e (2) trajetórias da depressão, envelhecimento e vulnerabilidades emocionais ao longo do ciclo de vida.

3.1 DESIGUALDADES DE GÊNERO, DETERMINANTES SOCIAIS E PREVALÊNCIA DA DEPRESSÃO

A literatura analisada demonstra de forma consistente que as desigualdades de gênero exercem influência direta sobre a prevalência da depressão, com maior carga de sintomas entre mulheres em diferentes contextos socioculturais e faixas etárias. Nesse sentido, Salk, Hyde e Abramson (2017) destacam que as diferenças de gênero na depressão são amplamente observadas em amostras populacionais representativas, evidenciando que mulheres apresentam maior vulnerabilidade ao transtorno em comparação aos homens. Os autores enfatizam que tais diferenças não podem ser atribuídas exclusivamente a fatores biológicos, mas estão profundamente relacionadas a determinantes sociais e estruturais.

Em consonância com essa perspectiva, Bracke *et al.* (2020) reforçam que a desigualdade estrutural de gênero e o acúmulo de desvantagens ao longo da vida são fatores centrais na explicação das disparidades observadas na saúde mental. Segundo os autores, em diferentes países europeus, mulheres expostas a contextos de maior desigualdade social apresentam maior risco de desenvolver sintomas depressivos,

evidenciando o papel das condições macroestruturais na produção do sofrimento psíquico. De forma complementar, Hargrove, Halpern e Harris (2020) acrescentam que a interseccionalidade entre gênero, raça e posição social intensifica o acúmulo de desvantagens, ampliando significativamente a vulnerabilidade à depressão ao longo do curso de vida.

Corroborando esses achados, BEST *et al.* (2021) evidenciam que a maior prevalência de sintomas depressivos em mulheres se mantém estável em diferentes países e coortes, sugerindo que as desigualdades de gênero possuem caráter estrutural e persistente. Os autores destacam que, mesmo em contextos socioculturais distintos, a diferença entre os sexos permanece consistente, o que reforça a hipótese de fatores sociais transversais na determinação da saúde mental. De maneira semelhante, Zhang e Zhao (2021) identificam que essas disparidades se mantêm ao longo das diferentes fases da vida, embora apresentem variações conforme o contexto histórico e geracional.

Além disso, Gui *et al.* (2025) ampliam essa discussão ao demonstrar que fatores psicossociais, como satisfação com a vida e redes de apoio social, exercem papel significativo na modulação dos sintomas depressivos. Os autores ressaltam que mulheres tendem a apresentar maior sensibilidade aos estressores sociais e menor proteção social em determinados contextos, o que contribui para a maior prevalência de depressão. De forma complementar, Guo, Chu e Zheng (2025) indicam que, embora as disparidades de gênero possam sofrer variações ao longo do tempo, elas permanecem estruturalmente presentes, reforçando a continuidade das desigualdades.

No âmbito ocupacional, Breij *et al.* (2022) destacam que as condições de trabalho desempenham papel relevante na explicação das diferenças de gênero na depressão, especialmente entre trabalhadores mais velhos. Segundo os autores, a exposição a ambientes laborais adversos, associada à menor autonomia e à sobrecarga de trabalho, contribui significativamente para o aumento dos sintomas depressivos, sendo esse impacto mais expressivo em mulheres. Assim, observa-se que a inserção desigual no mercado de trabalho também constitui um importante determinante social da saúde mental.

De forma integrada, esses achados evidenciam que a prevalência da depressão em mulheres não é um fenômeno isolado, mas resultado de uma rede complexa de fatores sociais, econômicos e culturais. A concordância entre os autores reforça a compreensão de que as desigualdades de gênero operam de maneira cumulativa, produzindo maior vulnerabilidade ao sofrimento psíquico ao longo da vida.

3.2 TRAJETÓRIAS DA DEPRESSÃO, ENVELHECIMENTO E VULNERABILIDADES EMOCIONAIS AO LONGO DO CICLO DE VIDA

A análise das trajetórias da depressão evidencia que os sintomas depressivos não são estáticos, mas variam ao longo do ciclo de vida, sendo influenciados por experiências acumuladas, eventos estressores e

condições sociais. Nesse contexto, Lee, Jang e Cho (2017) demonstram que as trajetórias de sintomas depressivos em idosos apresentam diferenças significativas entre os sexos, com maior persistência e recorrência em mulheres, especialmente em fases avançadas da vida. Os autores associam esse padrão ao acúmulo de vulnerabilidades psicossociais ao longo do envelhecimento.

De forma complementar, Pfeiffer, Alt e Walper (2025) evidenciam que os sintomas depressivos podem iniciar na adolescência e se estender até a vida adulta, sendo fortemente influenciados por eventos de vida adversos e desigualdades sociais. Segundo os autores, a continuidade dos sintomas ao longo do tempo indica que a depressão deve ser compreendida como um processo dinâmico, atravessado por fatores emocionais e estruturais que se acumulam ao longo da trajetória de vida.

No contexto do envelhecimento, Ferri, Yang e Girgus (2023) reforçam que as diferenças de gênero na depressão são explicadas por uma combinação de fatores sociais, emocionais e contextuais. Os autores destacam que mulheres idosas tendem a apresentar maior vulnerabilidade emocional devido à redução de redes de apoio social, perdas relacionais e condições de vida adversas, o que contribui para a manutenção dos sintomas depressivos.

Além disso, Zheng e Jia (2022) ampliam a compreensão ao demonstrar que trajetórias depressivas estão associadas a alterações em funções cognitivas, como memória e funções executivas, sendo que essas associações apresentam variações entre os gêneros. Os autores apontam que mulheres podem apresentar maior impacto funcional decorrente da persistência dos sintomas depressivos, especialmente em fases mais avançadas da vida.

Ainda sob a perspectiva do envelhecimento, Gui *et al.* (2025) destacam que fatores como redes sociais, satisfação com a vida e suporte emocional atuam como elementos protetores ou de risco, influenciando diretamente as trajetórias da depressão. Segundo os autores, a fragilidade dessas redes tende a impactar de forma mais intensa as mulheres, contribuindo para maior vulnerabilidade emocional.

A concordância entre os estudos evidencia que as trajetórias da depressão são moldadas por um processo contínuo de interação entre fatores biológicos, sociais e emocionais. Nesse sentido, BEST *et al.* (2021) reforçam que as diferenças de gênero permanecem consistentes ao longo do tempo e das diferentes fases da vida, indicando que tais desigualdades não se dissipam com o envelhecimento.

De maneira integrada, observa-se que o curso da depressão é fortemente influenciado por experiências acumuladas ao longo da vida, sendo as mulheres mais expostas a trajetórias de maior vulnerabilidade emocional. Assim, os achados convergem para a compreensão de que a depressão deve ser analisada como um fenômeno longitudinal, atravessado por desigualdades estruturais persistentes.

Por fim, a síntese das evidências demonstra que tanto a prevalência quanto as trajetórias da depressão são profundamente influenciadas por desigualdades de gênero, reforçando a necessidade de

abordagens interdisciplinares e sensíveis às vulnerabilidades sociais e emocionais para o enfrentamento desse fenômeno.

4 CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa permitiu analisar as relações entre depressão e gênero a partir das vulnerabilidades sociais e emocionais associadas ao longo do ciclo de vida. A síntese das evidências científicas evidenciou que as desigualdades de gênero exercem influência significativa na ocorrência e na evolução dos sintomas depressivos, reforçando a necessidade de compreender o fenômeno para além de uma perspectiva exclusivamente biomédica.

Em relação ao objetivo proposto, que consistiu em analisar a relação entre depressão e questões de gênero sob a ótica das vulnerabilidades sociais e emocionais, os resultados obtidos indicam que tal relação é complexa e multifatorial. Observou-se que fatores estruturais, sociais e culturais atuam de forma conjunta na determinação da maior vulnerabilidade feminina à depressão em diferentes contextos populacionais.

Entre os principais achados, destaca-se a maior prevalência de sintomas depressivos entre mulheres, associada a condições sociais desfavoráveis, desigualdades estruturais e acúmulo de desvantagens ao longo da vida. Além disso, evidenciou-se que tais diferenças não se restringem a um único contexto, mas se repetem de forma consistente em diferentes países, faixas etárias e cenários socioculturais.

Outro aspecto relevante identificado foi a influência de fatores como condições de trabalho, redes de apoio social e suporte emocional na intensificação ou proteção frente aos sintomas depressivos. Esses elementos demonstram que a saúde mental é profundamente atravessada por determinantes sociais, os quais impactam de maneira diferenciada homens e mulheres.

Também se verificou que as trajetórias da depressão apresentam padrões de continuidade ao longo do ciclo de vida, com maior persistência e impacto funcional em mulheres. Esse achado reforça a compreensão de que os sintomas depressivos não são episódios isolados, mas processos dinâmicos influenciados por experiências acumuladas e contextos de vulnerabilidade.

Diante disso, conclui-se que a depressão associada às questões de gênero deve ser compreendida como um fenômeno complexo, multidimensional e fortemente influenciado por desigualdades sociais estruturais. Essa compreensão reforça a necessidade de abordagens ampliadas e interdisciplinares no cuidado em saúde mental, considerando aspectos emocionais, sociais e contextuais.

Como recomendação para pesquisas futuras, sugere-se o desenvolvimento de estudos longitudinais e multicêntricos que investiguem de forma aprofundada a interação entre gênero, condições sociais e saúde mental em diferentes contextos culturais e econômicos. Tais investigações podem contribuir para o

aprimoramento de estratégias de prevenção e intervenção mais equitativas e sensíveis às desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

BEST, J. R. *et al.* Age and sex trends in depressive symptoms across middle and older adulthood: comparison of the Canadian Longitudinal Study on Aging to American and European cohorts. **Journal of Affective Disorders**, v. 295, p. 1169–1176, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2021.08.109>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032721009149?via%3Dihub>. Acesso em: 02 jun. 2026.

BRACKE, P. *et al.* Depression in women and men, cumulative disadvantage and gender inequality in 29 European countries. **Social Science & Medicine**, v. 267, p. 113354, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2020.113354>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953620305736>. Acesso em: 02 jun. 2026.

BEST *et al.* Age and sex trends in depressive symptoms across middle and older adulthood: comparison of the Canadian Longitudinal Study on Aging to American and European cohorts. **Journal of Affective Disorders**, v. 295, p. 1169–1176, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032721009149>. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2021.08.109>. Acesso em: 02 jun. 2026.

BREIJ, S. *et al.* Sex and gender differences in depressive symptoms in older workers: the role of working conditions. **BMC Public Health**, v. 22, art. 1023, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-022-13416-1>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s12889-022-13416-1>. Acesso em: 02 jun. 2026.

FERRI, C.; YANG, K.; GIRGUS, J. S. Predicting the gender difference in depressive symptoms in older adults. **Aging & Mental Health**, v. 27, n. 7, p. 1411–1418, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/13607863.2022.2084712>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13607863.2022.2084712>. Acesso em: 02 jun. 2026.

GUI, Z. *et al.* Gender differences in depression prevalence, influencing factors, life satisfaction, and network structure among middle-aged and older adults in China: a national survey. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 72, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1177/00207640251370792>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00207640251370792>. Acesso em: 02 jun. 2026.

GUO S; CHU CB; ZHENG XY. Changes in gender disparities of depressive symptoms among middle-aged and older adults in China: an age-period-cohort analysis. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, 2025; 60: 1039–1052. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00127-024-02747-6>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00127-024-02747-6>. Acesso em: 02 jun. 2026.

HARGROVE TW; HALPERN CT; HARRIS KM. Race/Ethnicity, gender, and trajectories of depressive symptoms across early- and mid-life among the Add Health cohort. **Journal of Racial and Ethnic Health Disparities**, 2020; 7: 619–629. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40615-019-00692-8>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40615-019-00692-8>. Acesso em: 02 jun. 2026.

LEE J, JANG S-N, CHO S-I. Gender differences in the trajectories and the risk factors of depressive symptoms in later life. **International Psychogeriatrics**, 2017; 29(9): 1495-1505. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1041610217000709>. Disponível em: [https://www.intpsychogeriatrics.org/article/S1041-6102\(24\)01735-6/fulltext](https://www.intpsychogeriatrics.org/article/S1041-6102(24)01735-6/fulltext). Acesso em: 02 jun.

PFEIFFER S; ALT P; WALPER S. Trajectories of depressive symptoms and associated risk factors from late adolescence to emerging adulthood. **Clinical Psychology in Europe**, 2025; 7(4): e15801. Disponível em: <https://cpe.psychopen.eu/index.php/cpe/article/view/15801>. Acesso em: 02 jun. 2026.

SALK RH; HYDE JS; ABRAMSON LY. Gender differences in depression in representative national samples: meta-analyses of diagnoses and symptoms. **Psychological Bulletin**, 2017; 143(8): 783–822. DOI: <https://doi.org/10.1037/bul0000102>. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/bul0000102>. Acesso em: 02 jun. 2026.

ZHANG Y; ZHAO M. Gender disparities and depressive symptoms over the life course and across cohorts in China. **Journal of Affective Disorders**, 2021; 295: 620–627. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2021.08.134>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032721009393>. Acesso em: 02 jun. 2026.

ZHENG H; JIA C. Gender differences in the association of depression trajectories with executive and memory functions: evidence from the longitudinal study of the Survey of Health, Ageing and Retirement in Europe (2004–2017). **Journal of Psychiatric Research**, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2022.03.007>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0022395622001297>. Acesso em: 02 jun. 2026.